



Sobre o livro

Farol é uma embriagadora narrativa sobre a paixão, um arsenal de beijos proibidos que deixará o leitor sem fôlego do começo ao fim do livro. Em meio à grandiosidade e beleza de um antigo farol, surge uma urgência de sentimentos nascida no rebrilhar das ondas e na pálida magia do luar que porá em risco a paz e a tranquilidade de Lucas e Camila.

Na pequena pousada em frente ao mar, sem domínio do abrasador desejo que a incendeia, a recepcionista se renderá ao olhar duro e frio de seu chefe deixando de perceber que o destino já selara o futuro de ambos, ainda envolvidos nas intrincadas escolhas que fizeram sem seus respectivos passados.

A dura realidade de duas vidas transformando momentos belos e intensos em um sonho triste e distante. Até que ponto vale arriscar o que temos de mais valioso e o que lutamos tanto para conquistar? “... Se tudo der errado, não tenho para quem voltar. Não tenho quem me levante se eu cair...” - angustiam-se Camila e o leitor. Farol traz à tona as espirais de sensações doces e amargas provocadas quando o amor e medo chegam juntos. A leitura deliciosa deste livro é quase como um diário que todos nós, em alguma parte de nossas vidas, podíamos, um dia, ter escrito.

Por
Isabel Torcelli
Escritora gaúcha de
“A Dinastia Julia-Claudina”

Farol

Deise Xaviéri

Finalmente eu tinha meu futuro completo e absoluto em minhas mãos, ninguém teria maior poder de decisão do que eu dali por diante. A sensação de maturidade que me tomava tardiamente era reconfortante e inesperada. Não fui adolescente imatura, ao contrário, minha adolescência, marcada pela doença da minha amada mãe, não me permitiu sequer momentos de insegurança, que dirá de rebeldia, como a maioria das minhas colegas e amigas fazia questão de definir seus “anos dourados”.

Mas, a estranha solidão que me acompanhava agora não era algo tão fácil de vislumbrar naqueles tempos. Passei cerca de dez longos anos cuidando para que minha mãe seguisse à risca as ordens médicas, permitindo, assim, que eu e meus irmãos, conseguíssemos desfrutar o máximo de tempo ao lado daquela que sempre fora o centro de nossas vidas: a mulher mais forte e incrivelmente amorosa, conhecida de cada um de nós.

Infelizmente, minha mãe havia partido. Apesar de todos nossos esforços isso já estava escrito e um dia se cumpriria. Ela nunca permitiu que sofrêssemos por sua ausência. Sempre ressaltava que, se permitia tamanha tortura nos tratamentos dolorosos e ainda

lutava para permanecer forte e controlada, era para que aproveitássemos o máximo todos juntos e, principalmente, não podia ver a dor da despedida em nossos olhares. Dizia-nos a cada crise: *“A vida é só uma passagem, meus amores. Se estou retardando minha partida, não é para lhes causar sofrimento, mas lhes dar tempo suficiente na conquista de forças e que se despeçam de mim com dignidade”*.

A ideia de nos ver sofrendo era inconcebível para ela. Sua fé nunca se abalou e, sempre que nos falava sobre a partida, expressava um até logo.

Já fazia mais de seis meses que a morte da minha mãe ocorrera. Meus irmãos tentaram me fazer ficar por perto, talvez cursar uma universidade, continuar com alguns cursos que iniciei ao longo dos anos, mas essas ideias me faziam estremecer um pouco, não queria mais ficar presa a ninguém, abrir mão de minha vida em prol de prioridades que não eram minhas. Há muito tempo eu temia isto: se não me libertasse, se não me rebelasse, talvez não conseguisse encontrar meu caminho e seguiria qualquer direção.

Sempre amei tremendamente minha família, em especial minha mãe, não que retribuir um pouco do carinho, atenção e amor que ela sempre dedicou a mim tenha sido uma tortura. Nada disso, mas fazer escolhas sem levar nossas próprias metas em conta e, principalmente, abrir mão completamente de nossa individualidade, faz qualquer pessoa normal criar uma

espécie de recalque. Não tenho traumas, mas confesso sem remorso que algumas frustrações ainda me perseguem.

Escolhi a cidade de Cidreira, no Rio Grande do Sul, onde passei férias uma vez. Lembro-me de ter sido muito feliz ali, tinha um ar de solidão e sossego, que agora é tudo que eu procuro. Após me comunicar com algumas amigas, soube que estavam dividindo um pequeno apartamento lá, e a ideia de tentar alguma coisa, naquele lugar que só me trazia lembranças boas, realmente me atraiu.

Mal passei pela placa de bem-vindos à cidade e já me senti uma autêntica moradora do lugar. O ar era diferente: mais leve, mais puro, as casas parecendo abandonadas, quase todas com placas de “aluga-se” e outras de “à venda”, embora todas parecessem muito confortáveis, em nada me lembravam da confusão e o barulho do lugar em que vivi. Era um ótimo lugar para recomeçar, um lugar para me redescobrir.

O apartamento das minhas amigas era muito pequeno. A grande vantagem era que, além do preço razoável, era bem localizado. Ficava no centro, próximo a uma linda praça e perto das pequenas lojas do calçadão. Não acredito que existissem muitos mercados por ali, mas morar bem próximo a um tem suas vantagens.

O único quarto era composto de um beliche e um sofá-cama; tinha um roupeiro pequeno e já estava

cheio das roupas das meninas. A sala dividia espaço com uma pequena cozinha improvisada. E a lavanderia, bom, essa mais parecia um pequeno *closet*. Era tudo muito apertado, mas, sem dúvida, estava sendo apenas o começo.

Logo que cheguei, não descansei muito. Já fazia algum tempo que minha rotina conturbada e exaustiva havia sido interrompida, e eu estava ansiosa para caminhar pela pequena e agradável cidade. Resolvi ir até o mercado. Não havia nada comestível na geladeira, parece que ali ela só servia para guardar produtos de beleza e cremes faciais caseiros. Então pensei: “*a fome sempre foi uma ótima conselheira*”.

Quando cheguei ao pequeno mercado, percebi um homem sofrendo com algumas sacolas que me pareceram bem pesadas. Ele estava atrapalhado, atrás de uma Van branca, sustentando alguns fardos em seus braços e sacolas brancas enroscadas nos dedos. Logo que o avistei, imaginei que o rapaz deveria estar derretendo pelo calor e o esforço que fazia naquele momento.

Cheia de energia e vontade de me entrosar com as pessoas do lugar, fui até o carro e perguntei sem hesitar:

– Bom dia! Posso ajudar?

– Por favor! Respondeu-me o rapaz, alcançando-me uma chave.

A voz do rapaz me assustou um pouco, era grave e meio rouca, parecia a voz de um homem muito

mais velho. Percebi que se tratava da chave da porta da Van. Após abri-la, fui ajudá-lo a colocar as compras.

– Ufa! Ainda bem que você me ajudou, eu já estava ficando com câibras! – exclamou o rapaz – Prazer, meu nome é Lucas. Disse-me, alcançando-me a mão direita.

– Prazer! Lucas, eu sou Camila.

O rapaz era extremamente alto, o que percebi no instante em que começamos a trocar três beijinhos no rosto, como era o costume local. Deveria ter mais ou menos um metro e noventa de altura, e sua mão era enorme, cobria toda a minha, porém me surpreendeu a maciez e elegância do toque do rapaz desconhecido.

– Muito obrigado! Disse-me fechando a porta do baú do veículo.

– Sem problemas! Respondi e entrei no mercado.

Logo que entrei, notei uma diferença expressiva. Em nada parecia com os mercados que eu estava acostumada a frequentar, ninguém caminhava no interior do prédio, estava completamente vazio. Com certeza eu poderia me acostumar com a falta de filas enormes nos caixas e em não ter que ficar desviando das pessoas entre as prateleiras apertadas.

Após fazer as pequenas compras para o lanche, o rapaz do caixa veio me atender. Notei que nem ele estava no prédio quando entrei. Assim que virei para colocar as compras no balcão, percebi uma pequena placa sobre uma vidraça logo atrás dele:

“Precisa-se de funcionários”

Perguntei do que se tratava:

– Vocês estão precisando de funcionários? –
apontei para a placa.

– Não é aqui, não. É na pousada desse moço
que você ajudou no estacionamento.

– Ah! Do tal... Lucas?

– Exatamente! Ele é proprietário da Pousada do
Farol, uma das melhores daqui!

– E como posso falar com ele sobre a vaga? –
continuei empolgada.

– É só vir amanhã nessa mesma hora; ele vem
todo dia aqui. - Incentivou-me o rapaz.

Logo que peguei minhas sacolas, olhei
rapidamente o relógio para ver a que horas voltar no dia
seguinte. Depois de me despedir educadamente do
atendente, retirei-me. Estava realmente feliz por ter ao
menos uma perspectiva de emprego.

Ao voltar, não pude evitar um pensamento que
me acompanhava: as pequenas cidades sempre foram
conhecidas por serem hospitaleiras, e o pessoal sempre
muito gentil. Ficou evidente que o rapaz do caixa poderia
ter ajudado Lucas com as sacolas. Por que será que não o
fez? Será que ele era mal-humorado? Será que trabalhar
com ele seria agradável ou ao menos suportável?

No dia seguinte, antes de tomar café, vesti-me um
pouco melhor e dirigi-me ao mercado, o que não era uma
coisa evitável, afinal toda a comida que comprei no dia

anterior não durou muitas horas naquele apartamento de famintos.

Além de comprar alguma coisa para beliscar, eu também tinha esperanças de conseguir falar com o “homem das sacolas” e tentar arranjar com ele um emprego. Mal podia controlar a ansiedade ao pensar em ter realmente mais tempo para ficar ali, naquela cidade aconchegante.

Cheguei ao mercado e, como no dia anterior, Lucas estava às voltas com as sacolas novamente. Embora tivesse menos volume desta vez, ainda não conseguia se livrar o suficiente para encaixar a chave na porta do baú de seu veículo. Também como no dia anterior, ofereci-me para ajudá-lo.

– Bom dia! Quer novamente ajuda? – perguntei num tom de humor.

O rapaz, ao olhar para mim, reconheceu-me imediatamente. Deu um sorriso largo e assentiu, pude reconhecer o alívio dele também dessa vez.

– Sabe que se continuar assim, logo vai virar alvo de um assalto, não sabe? – perguntei-lhe.

– Provavelmente isso seria quase impossível por aqui, mas se eu conseguir um funcionário logo acaba essa angústia! – exclamou o rapaz secando a testa com as costas de uma das mãos.

– É por isso mesmo que voltei aqui hoje. O rapaz do caixa me disse que você tem uma pousada por aqui e que está procurando funcionários! – observei esperançosa.

– Faz um tempinho que estou procurando alguém para me auxiliar. Quer se candidatar? – disse ansioso.

– Gostaria muito – afirmei.

– Ótimo, finalmente encontrei alguém... Camila, não é? Você quer ver do que se trata quando?

Fiquei surpresa por ele ainda lembrar meu nome, no entanto não devia ser difícil pois, a menos que eu estivesse errada, não acho que encontrasse com muitas pessoas no mercado, a julgar pelo movimento do local.

– O mais rápido possível, não aguento mais ficar parada por aqui, tenho que arrumar alguma coisa para fazer ou vou acabar acostumando! – disse-lhe sorrindo, mas um pouco nervosa.

– Não podemos permitir isso. - Brincou ele também.

– Já tomou o café da manhã? – perguntou-me.

– Para falar a verdade, ainda não.

– Eu também não. Vamos até a pousada e enquanto te mostro tudo por lá, tomamos um café. - Sugeriu-me de uma forma que eu estivesse totalmente livre para recusar. Eu não recusei.

– Claro, vou ligar avisando o pessoal e podemos ir se quiser! - respondi ansiosa.

– Não tenho pressa, vou esperar no carro.

Assim que o rapaz se virou, peguei meu celular e liguei para as meninas do apartamento, deixei-as avisadas para onde eu estava indo e que não sabia a que horas voltaria. Também pedi para que ligassem depois de

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

